

5 LIVROS PARA
ATRAVESSAR A CHINA

AGORA!

A PALAVRA CHAVE PARA COMPREENDER OS PRÉ-ADOLESCENTES

BLIMUNDA

A VERDADE DE

DESSO

DESSO

EM MADRID

3

Editorial
Pessoa, embaixador
cultural em Madrid

14

Estante
Andreia Brites
Sara Figueiredo Costa

28

Cinco livros para
atravessar a China
Sara Figueiredo Costa

45

Agora!
Andreia Brites

66

Espelho Meu
Andreia Brites

79

Agenda

5

Leituras
Sara Figueiredo Costa

20

Pessoa apresenta
a sua vanguarda
em Madrid
Ricardo Viel

38

A Casa da Andréa
Andréa Zamorano

64

And The winner Is...
Andreia Brites

70

Saramaguiana
Existiu para Fernando
Pessoa uma verdade?
José Saramago

83

Epígrafe



Museu Reina Sofía, em Madrid, inaugurou no dia 6 de fevereiro a exposição «Pessoa – Toda a arte é uma forma de literatura». A proposta da mostra, que estará patente até 7 de maio, é apresentar ao público não só a obra de Fernando Pessoa mas também a produção das vanguardas portuguesas da primeira metade do século XX. São 160 obras de arte (entre pinturas, desenhos e fotografias) de artistas como Almada Negreiros, Amadeo de Souza-Cardoso, Eduardo Viana e Sarah Afonso, além de uma vasta documentação que inclui manifestos, livros, revistas e correspondências deste período.

Pessoa, embaixador cultural em Madrid

Desde 2014 é a terceira exposição sobre Fernando Pessoa a ocupar a capital espanhola. A primeira foi na Biblioteca Nacional de Espanha (BNE) e tinha como objetivo abordar a relação do poeta português com o país vizinho. Em 2016, no Círculo de Belas Artes, uma mostra audiovisual tratou a ligação de Pessoa com a cidade de Lisboa. Agora, o museu mais visitado de Espanha (e um dos mais frequentados da Europa) dedica várias salas do seu primeiro andar ao autor de *Mensagem* e outros artistas contemporâneos seus.

No ano passado o Museu Reina Sofía recebeu quase 4 milhões de visitantes. A previsão é que cerca de um milhão de pessoas conheçam a exposição dedicada a Pessoa até maio. É como se 10% da população de Portugal passasse por ali.

Se o criador dos heterónimos já é figura conhecida no meio cultural espanhol (só o *Livro do Desassossego* tem quatro traduções diferentes no país vizinho) o mesmo não se pode dizer de alguns dos artistas que o poeta «leva» consigo ao Reina Sofía. É como se, já habitué da cidade, desta vez Pessoa tivesse ido acompanhado pelo seu grupo. Uma espécie de embaixador cultural português em terras vizinhas.

Blimunda 69

fevereiro 2017

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

www.josesaramago.org

N. registo na ERC 126 238

Os textos assinados
são da responsabilidade
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação
podem ser reproduzidos
ao abrigo da Licença
Creative Commons

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS



Onde estamos

Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros,
Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

COMO CHEGAR

GETTING HERE

Metro Subway

Terreiro do Paço

(Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735,

746, 759, 774, 781,

782, 783, 794

Segunda a Sábado

Monday to Saturday

10 às 18h 10 am to 6 pm

leituras do mês

SARA FIGUEIREDO COSTA

As últimas entrevistas de Borges **Continuo a escrever. É que não** **gosto do que escrevo.**

Em 1986, na Suíça, morria o escritor argentino Jorge Luís Borges. No imenso arquivo da internet, encontram-se as palavras que escreveu, bem como muitas das entrevistas que concedeu a rádios, televisões e jornais. Uma das últimas conversas que teve com meios de comunicação social foi com o jornalista brasileiro Roberto D'Ávila, em 1985, para o programa televisivo *Conexão Internacional*. Falando sobre a memória e a infância, Borges destaca, como seria de esperar, o papel da leitura na sua formação: «Minhas primeiras memórias são da biblioteca de meu pai. Não me recordo de uma época em que não soubesse ler e escrever. Meu pai era professor de psicologia e me disse que a memória começa aos 4 anos de idade. Aprendi a ler e escrever entre os 3 e 4 anos. A biblioteca de meu pai era essencialmente de livros ingleses. De modo que quase tudo o que li na vida foi em inglês e depois em outros idiomas, já que, em 1915, fomos para Genebra e tive que estudar francês e também bastante latim. Depois disto, eu me ensinei alemão para ler Schopenhauer. Mas antes passei pela poesia e pelos expressionistas alemães: Johannes Becher, Wilhelm Klemm, Kafka e outros. Quando perdi a vista como leitor em 1955, para não «abound in loud self pity», para não abundar em sonora autocomiseração, como diz Kipling, empreendi o estudo do inglês arcaico. Depois estive duas vezes na Islândia e estudei um pouco do escandinavo

antigo. O islandês é a língua mãe do sueco, do dinamarquês e, parcialmente, do inglês. Agora pensei em estudar japonês ou chinês, que são idiomas tão estigmatizados.» E questionado sobre as leituras de infância que mais o marcaram, o autor não tem dúvidas: «*As Mil e Uma Noites*. Livros de diferentes épocas da vida de Kipling, que comecei a ler quando criança. Sempre gostei muito dos atlas e das enciclopédias. Curiosamente, continuo a comprar livros. Não posso lê-los. Aqui tenho, por exemplo, uma excelente enciclopédia italiana, a Garzanti, tenho duas edições da Brockhaus, alemã, e uma edição da Britânica. Gosto muito. Acho que é a melhor leitura para um homem ocioso e curioso como eu. Infelizmente perdi a vista. Se eu a recuperasse, não sairia desta casa. Ficaria lendo os muito livros que estão aqui, tão perto e tão longe de mim. Mas perdi a vista. Diversos países me convidam para dar conferências. Vou agora à Califórnia, a Nova York e depois a Roma. Depois volto a Roma no fim do ano para falar de meus livros. Continuo a escrever. Que mais posso fazer? É que não gosto do que escrevo. Nesta casa não encontrará um só livro meu. Por que quem sou eu para ficar ao lado de Euclides da Cunha, Camões ou com Montaigne? Não sou ninguém! Continuo a adquirir livros porque gosto de estar rodeado por eles. Como quando era menino, já que minhas primeiras lembranças são de livros e acho que minhas últimas o serão também. Quanto à minha memória, a única coisa que consigo lembrar são citações, mas, dos factos de minha vida, me esqueci. As datas, não me lembro de nenhuma. Tenho lembranças de meus pais a quem adorava, dos meus amigos. Agora meus amigos estão embaixo da terra.» ➡ ➡

Ursula Le Guin e o feminismo

O debate que ela ajudou a construir durante as últimas décadas floresceu como nunca.

A propósito da morte da escritora norte-americana Ursula K. Le Guin, Safaa Dib assina, no *Jornal Económico*, uma crónica sobre a obra da autora, o seu legado – literário e não só – e as recentes mudanças no debate sobre a igualdade das mulheres e o feminismo. Escrevendo sobre a importância de Le Guin para a literatura do século XX – e não exclusivamente para a ficção científica, sobretudo das décadas de 60 e 70, como os obituários da imprensa referiram – a cronista destaca as preocupações sociais que sempre atravessaram os livros da autora, nomeadamente a questão da igualdade de direitos entre mulheres e homens. Segue-se uma análise sobre os recentes acontecimentos em torno de movimentos como o MeToo e o TimesUp, com as denúncias de abusos e assédio sexual a atravessarem o glamour de Hollywood, e o impacto que este debate pode e deve ter de modo transversal: «Ursula K. Le Guin sentia-se mais pessimista nestes últimos anos, tendo em conta a evolução dos acontecimentos políticos, mas o debate que ela ajudou a construir durante as últimas décadas floresceu como nunca. A luta quebrou finalmente as aparências e atreveu-se a ir mais longe, ao âmago da sociedade. Essa luta vai continuar e será transformadora nos próximos anos, mas só poderá ser bem-sucedida se estabelecer um diálogo que envolva os homens como parceiros e companheiros de luta.

Acredito que não há melhor época para ser uma mulher do que atualmente, e o sucesso da nossa afirmação pública como mulheres dependerá do quão longe podemos ir nesse diálogo. Não precisamos de permissão do patriarcado para existir, contudo queremos uma comunidade que compreenda a necessidade desta luta persistente contra o silenciamento e todas as formas de opressão. Só assim o caminho da emancipação poderá continuar a ser construído globalmente, com destino à igualdade.» ➡

Natália Nunes, 1921-2018

Não sou nem nunca fui política mas sempre defendi ideais sociais.

A escritora Natália Nunes morreu no passado dia 13 de fevereiro, aos 96 anos. Autora com vasta obra publicada, foi também tradutora (de autores como Dostoievsky, Tolstoi ou Balzac) e bibliotecária nas Bibliotecas da Ajuda e Nacional, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e na Escola Superior de Belas-Artes, tendo sido distinguida, em 1977, com o Prémio da Associação Portuguesa de Arquivistas e Documentalistas. Começou a publicar em 1952, com o livro de memórias *Horas vivas: Memórias da Minha Infância*, e prosseguiu num percurso prolífico com livros como *Autobiografia de uma Mulher Romântica* (1956), *A Mosca Verde e Outros Contos* (1957), *Assembleia de Mulheres* (1964), *O Caso de Zulmira L.* (1967), *Da Natureza das Coisas* (1985), *Louca por Sapatos* (1996) ou *Vénus Turbulenta* (1997). Foi também Natália Nunes quem completou as *Memórias de António Gedeão*, seu marido, a pedido deste, publicadas em 2010.

Como se lê no obituário publicado pelo jornal *i*, «durante os anos da ditadura, Natália Nunes foi um dos





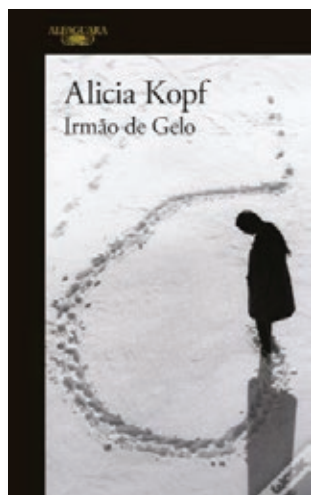
nomes da resistência: foi membro da direção da Sociedade Portuguesa de Escritores – que a PIDE encerrou em 1965. Entre 1978 e 79, também fez parte da direção da Associação Portuguesa de Escritores. Em 1998, em entrevista ao *Expresso* (citada pela mesma biógrafa) numa altura em que já tinha arrumado a pena, disse, a propósito dos anos da luta contra a ditadura: «Não sou nem nunca fui política mas sempre defendi ideais sociais. Na minha vida privada, o tema político está sempre presente, com uma tão grande preocupação que chega à angústia». Quatro anos depois, em 2002, Natália faz jus aos seus próprios ideais, ao entregar à Biblioteca Nacional o espólio do seu marido.» A morte da autora foi anunciada pela filha, a também escritora Cristina Carvalho, nas redes sociais, e ecoou nos principais jornais através de uma nota biográfica divulgada pela Agência Lusa. ➔

Leituras sem algoritmo

No hay propósito ni esfuerzo consciente que no pueda ser mejorado por la irrupción del azar.

Numa crónica publicada no suplemento *Babelia*, do diário *El País*, o escritor Antonio Muñoz Molina escreve sobre o acaso e a sua eficácia quando se trata de descobrir livros e leituras. Desdenhando do algoritmo da Amazon, que insiste em relações sem grande interesse para um leitor curioso e com vontade de ser surpreendido, Molina prefere os alfarrabistas e as vendas de livros de rua, sempre capazes de uma revelação pertinente: «El azar no se equivoca nunca. Es un bibliotecario anárquico que ignora las coacciones de la moda y de la actualidad.» E, mais adiante: «Uno cambia de continente y de ciudad, pero no “de vida y costumbres”, como dice el Buscón de Quevedo. Hace un par de semanas, en un puesto de esa feria de libros usados que se instala cada sábado a espaldas de la librería Bertrand, en Lisboa, al solecillo suave del invierno, encontré una antología de textos breves de Henri Michaux, en una de esas ediciones refinadas y austeras de Gallimard, la tipografía negra y roja sobre el fondo crema. Yo no tenía la menor urgencia y ni siquiera la menor intención de leer a Henri Michaux en este momento, pero el libro llegó a mis manos y se ha instalado ante mí con una apelación imperiosa, y ahora lo llevo conmigo, lo abro al azar y lo leo a rachas, y esta prosa inesperada agrega su tonalidad particular a la atmósfera de los días. El azar te saca de quicio y cambia sin respeto el rumbo de las lecturas, atuando como un antídoto contra las obsesiones y las inercias, contra la seducción insidiosa de lo que se lleva. No hay propósito ni esfuerzo consciente que no pueda ser mejorado por la irrupción del azar.» ➡

Cerco aos lugares gelados



Alicia Kopf
Irmão de Gelo
Alfaguara

Há livros de viagens onde não cabem mapas e roteiros, lugares anotados com a precisão de quem quer dar a ler uma possibilidade de repetir o percurso. E, ainda assim, são livros onde o percurso é fundamental, mesmo que impossível de reproduzir. Nesse sentido, este é um livro de viagens, e nem faltam lugares reconhecíveis, quase todos situados nas zonas geladas do globo terrestre, mas a verdadeira deslocação é a da narradora pelos labirintos da sua memória e dos seus mais íntimos caminhos, onde afecto, medo e vertigem se cruzam: «Eu também procuro algo no meu estúdio iceberg – branco e sem aquecimento. Um ponto imaginário absolutamente desconhecido e por isso absolutamente magnético.» (p.17)

Primeiro romance de uma autora que desenvolve o seu trabalho em diferentes meios de expressão, sendo reconhecido o seu percurso como artista plástica, *Irmão de Gelo* parte de uma obsessão pelo gelo e as terras geladas, um escrutínio apurado sobre explorações aos pólos, dados científicos, imagens, uma vertente estética e plástica que faz da brancura um gesto de totalidade, quase um silêncio recolhido em geografias onde os seres humanos parecem contaminar-se com a plenitude assustadora do elemento gelado. Essa obsessão constrói-se como metáfora, partindo dos registos dos diferentes exploradores que alcançaram os pólos e criando uma trama de episódios dispersos e sentidos múltiplos que rapidamente clarificam a ideia do gelo como elemento a conquistar

– e nunca isento de tremendas dificuldades. Mas não são os exploradores do gelo o tema deste romance fragmentário, e antes o seu movimento, o enfrentar dos elementos, o abismo perante a morte eminente e todos os equívocos que vamos deixando pelo caminho: «Porque não me interessam os exploradores polares por si próprios, mas a ideia de procura num espaço instável. Gostava de falar de tudo isto como metáfora, porque o que desejo encontrar é uma épica, uma épica nova, sem adversários nem inimigos, uma épica da própria pessoa e da sua ideia. Como a dos artistas e dos escritores.» (p.75)

Construída de modo fragmentário, com a primeira pessoa a colocar autora e narradora no domínio instável da auto-ficção, esta é uma narrativa que se molda no percurso, sempre preferindo as estradas secundárias e os becos por mapear do que a firmeza do longo caminho a direito. E molda-se também a partir do desconforto da voz narradora, mais profundo do que cada um dos temas possíveis de garimpar entre as linhas levam a crer. Alteridade, noção de diferença, isolamento, o peso da família. Os enganos de todos os dias, para resumir o novelo. A figura do irmão da narradora, autista, encerrado num mundo aparentemente inacessível que se compara frequentemente com o processo de congelamento, acaba por ser um dos pilares que





sustenta a reflexão deste texto. Apesar da impossibilidade de uma comunicação plena entre a narradora e o irmão, há uma segurança nos afectos que não se estende ao restante núcleo das relações familiares mais próximas, gradualmente apresentadas como motivo desagregador da consciência de quem escreve, uma perturbação constante a impedir a lucidez: «Quantas famílias se sustentam nos fundamentos do que não é dito? E em quantas o rei janta nu todos os dias à mesa? Porque, no dia e que se descobrir o segredo, já não vamos poder olhar para a cara uns dos outros.» p.184. *Irmão de Gelo* é a narrativa de uma busca desordenada, dolorosa, sustentada nas imagens da neve e do gelo, mas é igualmente a topografia deste movimento de procura, colecção de lugares e abismos, uma vontade indomável de criar a narrativa que poderá dar sentido à existência sabendo que dar sentido à existência é um processo em permanente devir, talvez inalcançável, dependendo do grau de exigência e de auto-consciência: «A neve é sempre neve, e é uma maneira de manter o vínculo com este lugar inventado que tento cercar através de uma narração e cujo centro espero conquistar um dia.» (p.162) Um dia que não sabemos se chegou ou chegará, porque o que nos é dado a ler, e o que faz deste um livro assombroso no modo como nos coloca frente a frente com os abismos nossos de cada dia, é esse constante movimento de cerco.



DORADOS DIAS DE SOL Y NOCHE

Luis Antonio De Villena
Pre-textos

Segundo volume das memórias do poeta e crítico literário espanhol, agora focadas nas décadas de 70 e 80 do século passado, revelando uma cidade, Madrid, como epicentro da narrativa por onde passam amores, livros, celebrações e muitos episódios relevantes para a compreensão da geração poética e literária a que chamaram de «los novísimos». SFC



FORTE APACHE

Marcelo Montenegro
Companhia das Letras

Novo livro de poesia do autor brasileiro, reunindo num único volume dois livros anteriores, *Orfanato Portátil* (2003) e *Garagem Lírica* (2012), e o inédito *Forte Apache*. Um excerto: «penso em alguém que, na manhã/ do dia de sua morte, desiste/ de usar a camisa que mais gosta,/ preferindo guardá-la para uma festa/ que terá na noite seguinte.» SFC



O ECO DAS CIDADES VAZIAS

Madeleine Thien
Relógio d'Água

Originalmente publicado em 2012, publica-se agora em português o romance onde Madeleine Thien reflete sobre o totalitarismo a partir de uma narrativa que traça um arco entre o Camboja do Khmer Vermelho e o Canadá do presente, pela voz de uma personagem que procura a sua identidade entre escombros e esquecimento. SFC



MANOBRAS DE GUERRILHA

Bruno Vieira Amaral
Quetzal

Mais de uma vintena de textos dispersos, anteriormente publicados em jornais e blogs, ou apresentados em festivais literários, reunidos num volume onde se cruzam temas como o futebol, o boxe, a literatura ou o sexo. De David Bowie a Susan Sontag, passando por Maradona, Madame Bovary ou o jovem Werther, a galeria de personagens – reais e fictícios – é extensa e sempre pertinente. SFC



SANTA CAMARÃO

Xavier Almeida
Chili Com Carne

Banda desenhada que recupera a memória de José Santa Camarão, um dos lutadores de boxe mais aclamados da década de 30 do século passado, a partir da sua infância em Ovar e da juventude em Lisboa, ainda antes de os ringues louvarem o seu nome. O argumento tem participação de Pato Bravo, aka B Fachada, e baseia-se num caderno de memórias escrito pelo próprio José Santa Camarão. SFC



OS 22 MISTÉRIOS DA HISTÓRIA,

Geòrgia Costa
Nuvem de Letras

São 22 capítulos, cada um dedicado a um acontecimento e às explicações fragmentadas que chegaram à atualidade. O monstro do Lago Ness, ovnis, vampiros e múmias, povos e lugares cuja fronteira entre o lendário e o real é ténue alimentam os mistérios. A organização da informação é clara e pouco aprofundada, agilizando a compreensão. Em jeito de apontamento de leitura, surgem aqui e ali anotações nas margens, com questões às quais o rol de informações não consegue dar resposta. Destacam-se três elementos caros ao leitor que saiu recentemente da infância: o mistério, a curiosidade e a veracidade. AB



A HORTA DO SIMÃO

Rocío Alejandro
Kalandraka

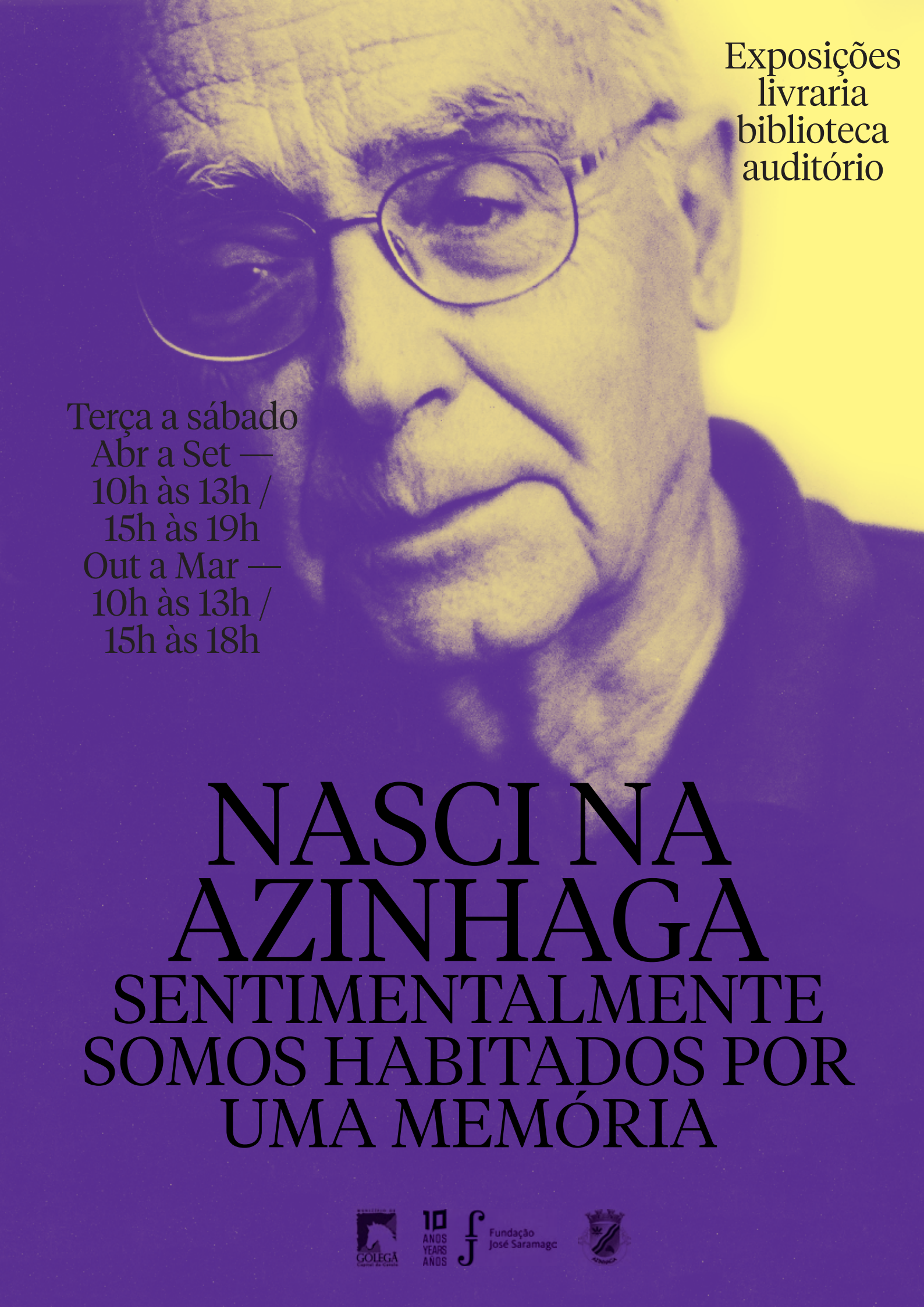
Simão é um coelho e, como é bem sabido, gosta de cenouras. Por isso escolhe cultivá-las no terreno que escolhe para si e delimita com uma cerca que constrói. Mas nem sempre se tem controlo sobre os desejos e as ações dos outros e o que aconteceu a Simão, debaixo dos seus próprios olhos, foi uma espécie de reforma agrária não planeada. A ilustração realça cada momento deste processo através da composição do espaço das páginas, partindo de uma estrutura definida no início. A paleta de cores varia pouco dando à forma e à sua repetição o papel principal. AB



A ÁRVORE DAS MENTIRAS

Frances Hardinge
Presença

A mentira aparece na vida de Kaith muito antes da árvore e o que a despoleta é o desejo que a protagonista tem de ser reconhecida, elogiada e amada pelo pai, o reverendo Erasmus Sunderlys. Estamos em plena época vitoriana e a rapariga debate-se com suspeitas em relação às ações do pai e aos boatos que contra ele se impuseram e teriam obrigado a família a abandonar Kent e partir para a ilha de Vane. A ciência e a paleontologia fazem parte da narrativa e é em torno de pesquisas, descobertas e segredos que a diegese evolui. AB

A close-up, black and white portrait of José Saramago, an elderly man with glasses and a mustache, looking slightly to the left. The background is a solid dark color.

Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado
Abr a Set —
10h às 13h /
15h às 19h
Out a Mar —
10h às 13h /
15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA



10
ANOS
YEARS
ANOS



Fundação
José Saramago



assine o
suplemento pernambuco

anual — R\$ 60
bianual — R\$ 100



Pes

soo

apresenta a sua vanguarda em

M

**Mr
dri**

**Ricardo
Viel**

Fernando Pessoa, que em vida nunca cruzou a fronteira de Portugal com Espanha, tem se tornado um habitué em Madrid. Nos últimos anos foram-lhe dedicadas três exposições na cidade: em 2014 na Biblioteca Nacional de Espanha, em 2016 no Círculo de Belas Artes e agora no Museu Reina Sofía. A diferença desta mostra para as anteriores é que Fernando Pessoa vai acompanhado. A exposição **Pessoa. Toda a arte é uma forma de literatura**, que foi inaugurada a 7 de fevereiro e fica patente até 7 de maio, leva ao museu mais visitado da Espanha as vanguardas portuguesas e explora o papel fundamental que o poeta de Tabacaria teve nesse modernismo luso.

São mais de 160 obras de arte (pintura, desenho, fotografia, gravura) de artistas como Amadeo de Souza-Cardoso, Eduardo Viana, Sarah Afonso e Almada Negreiro, e centenas de documentos originais (livros, revistas, peças de teatro e correspondências). Tudo isso acompanhado de excertos de textos de Pessoa apresentados nas paredes com o mesmo destaque que os quadros, valorizando as palavras. «Toda a arte é uma forma de literatura, porque toda a arte é dizer qualquer coisa», diz o verso de Álvaro de Campos que empresta o nome à exposição. E no Reina Sofía, a literatura é mostrada como uma obra de arte.

O português João Fernandes, responsável pela curadoria da exposição conjuntamente com a historiadora Ana Ara, conversou com a revista *Blimunda* sobre esse desembarque de artistas lusos na capital espanhola. Num domingo de sol em Madrid, com uma temperatura bastante agradável para o inverno, o subdiretor do Museu Reina Sofía guiou-nos pelas salas do museu e concedeu-nos esta entrevista.

Mais do que uma exposição sobre Fernando Pessoa, esta mostra pretende olhar para o modernismo português e o papel que o poeta desempenhou nesse momento cultural, certo?

Nem faria muito sentido num museu de arte uma exposição só sobre o Pessoa. Acontece que, entre as múltiplas facetas da sua textualidade, ele constrói conceitos de vanguarda e de modernidade que são extremamente singulares e curiosos porque se dissociam das vanguardas que vêm de Paris, que são aquelas de que ele tem conhecimento e são as dominantes naquela época – o cubismo, o futurismo etc. Pessoa contrapõe a essas vanguardas

um outro sentido das coisas a partir da sua forma muito idiossincrática de se situar em relação à arte, à cultura e à vida. E é por isso que ele vai construir conceitos como o poulismo, o interseccionismo o sensacionismo que são conceitos de vanguardas muito próprios. E como muitas vezes ele não encontra protagonista para essas vanguardas cria os seus próprios, os heterónimos.

Há dezenas de revistas aqui expostas, qual a importância delas?

O Pessoa percebe que as vanguardas se difundem através das revistas. Cria algumas e participa noutras. Cria a revista protagonista do modernismo português, *Orpheu*, com Mário de Sá-Carneiro, que é quem lhe traz precisamente as notícias das vanguardas parisiense. Pessoa também tinha conhecimento do que se passava no mundo anglo-saxónico, sabe-se que ele assinava a revista *Blast*, que era uma das revistas de vanguarda da altura.

O Pessoa, que não é alguém que se interessava muito por artes visuais, vai coincidir nessas revistas com todos os nomes da modernidade portuguesa. Santa Rita Pintor, Almada Negreiros etc. Para ele, a literatura é a arte das artes.

Quais são as características das vanguardas aqui apresentadas?

Há uma coisa que é muito curiosa, a modernidade portuguesa não é uma modernidade que copia o que se está a passar em Paris ou noutros lados. Os artistas estão em contacto com essas formas de modernidade mas não as seguem mimeticamente. Há uma singularidade desses artistas portugueses





e é muito tentador apresentar as suas obras a partir dos conceitos de Pessoa, pela singularidade também desses conceitos. Não se pode dizer que os artistas sejam uma consequência das ideias do Pessoa, nem que este intervenha no contexto da artes visuais da sua época, mas há esse paralelismo. E por isso pretendi ler a modernidade portuguesa, que é uma modernidade periférica, à luz dos conceitos do Pessoa. Apresentando-a como a primeira vanguarda periférica que é consciente dessa sua situação. A tentação, portanto, foi a de contar a história de uma vanguarda periférica a partir dos conceitos criados por alguém tão singular.

Como foi possível fazer uma exposição assim tão completa fora de Portugal?

Esta exposição aqui é possível porque algo que nos interessa neste museu é interrogar a história da arte juntando-lhe histórias que não são conhecidas. E não são conhecidas precisamente pelas relações de poder que estruturaram a história da arte a partir dos centros artísticos, políticos e económicos dominantes do século XX. A vanguarda portuguesa é uma dessas histórias periféricas. Achámos que o museu deve escrever incessantemente a história, propor novas interpretações e mostrar coisas menos conhecidas.

Qual foi a maior dificuldade na realização desta mostra?

Por um lado este paradoxo do escritor que não se interessa muito pelas artes visuais e a nossa opção por fazer, num museu de arte, uma exposição a partir desse escritor. Mas os conceitos de vanguarda que ele desenvolve são tão interessantes e específicos que é muito tentador fazê-la. A segunda coisa é como mostrar tesouros da arte portuguesa que estão, na sua grande

maioria, nos acervos de poucas instituições, que manifestaram uma enorme compreensão. A Fundação Gulbenkian, por exemplo, é fundamental, não se conseguia fazer esta exposição, de que é coprodutora, sem esta colaboração. Tivemos a participação também da Biblioteca Nacional, da Casa Fernando Pessoa, do Museu do Chiado e de outras instituições. E tivemos uma resposta extraordinária de todas elas, o que faz com que muitas das obras mais representativas da modernidades estejam aqui.

O Pessoa é uma figura que atrai muita atenção. Tê-lo como ponto central ajudou a que a exposição se realizasse?

Sim, é uma figura que atrai e que, às vezes, é usada de uma forma oportunista, em minha opinião. O Pessoa está ao serviço dessa indústria do turismo que coloca Portugal na moda. Há um mito que se constrói hoje em Portugal, e que passa por coisas tão simples como o Pessoa fazer parte do passaporte português ou de uma loja que vende sardinhas em conserva no Rossio ter os seus poemas nas latas. Não é isso que nos interessa. Há esse efeito que faz com que o Pessoa quase que entre para a indústria do espetáculo e passe a ser um ícone pop. Nós não vamos por aí.



JOSÉ DE ALMADA-NEGREIROS

Victoriano Braga

LXII 15-MAR-17



K 4



POESIA TERMINUS

DIZ-SE AQUI O SEGREDO
DO GENIO

INTRANSMISSIVEL

LISBOA 1917

EUROPA MODELO 1920

EDITORES

amadeo
JOSE de souza **ALMADA**
cardoso

o quadrado **AZUL**

O Reina Sofía recebeu no ano passado quase 4 milhões de visitantes. Esta mostra pretende divulgar artistas modernistas portugueses ao grande público?

É um objetivo do museu apresentar histórias menos conhecidas da história da arte. Sem dúvida que apresentar essa exposição no Reina Sofia ajuda na divulgação desses artistas são muito pouco conhecidos fora de Portugal e que mesmo dentro de Portugal nunca foram apresentados juntos. Sem dúvida que isso implica uma acessibilidade maior a esses artistas difusão das suas obras, mas isso contribuiu, sobretudo, para interrogar uma história da arte e para interrogar o que possa ter havido de distinto e periférico nessa vanguarda. E colabora, também, para divulgar uma faceta menos conhecido da obra do Pessoa que é o seu pensamento sobre as vanguardas, e as vanguardas que ele próprio protagoniza e cria como alternativa às vanguarda mais conhecidas.

Sente-se orgulhoso, como português, de ver uma exposição tão ampla sobre o seu país no Reina Sofía?

Estou contente por ver obras de arte que gosto muito, algumas das quais tenho uma relação quase pessoal, possam ser apresentadas numa exposição que acontece no museu onde trabalho. Isso é para mim significativo, mas estou em Espanha num projeto internacional em que a arte não se define por sua nacionalidade e ou bandeiras, mas é importante que a arte não seja acrítica nem seja algo de neutro em relação à própria história. Nós aqui contamos a história da arte a partir dos seus conflitos enquanto muitos museus contam a história da arte a partir de uma pretensa neutralidade da arte, isto para nós não é possível. Para nós é importante explorar esses conflitos e explorar o que foi esquecido, descolonizar o museu dos próprios poderes que fizeram do museu o reflexo dos discursos dominantes de uma época. Nós estamos muito mais com os discursos que foram vencidos, porque achamos que os derrotadas da história continuam presentes numa história que está em constante mudança.

cinco livros para atravessar a

**Sara
Figueiredo
Costa**

**cr
na**

Yu Hua***A China em Dez Palavras*****Relógio D'Água**

Apesar do imenso prestígio literário de que Yu Hua goza no seu país natal, este é um livro que não se encontra à venda nas livrarias da China continental (ainda que muita gente o tenha lido em território chinês, comprando-o em livrarias de Hong Kong e Taiwan, ou descarregando versões pirata da internet). O autor escolhe dez palavras que lhe servem de ponto de partida para textos não-ficcionais, marcados pelas suas memórias biográficas e por reflexões sobre a evolução da sociedade chinesa ao longo das últimas décadas. Da revolução às imitações (copycat), passando pela escrita, a leitura, o povo ou a disparidade, *A China em Dez Palavras* compõe um olhar atento, crítico e perspicaz sobre a China contemporânea e, por cruzar a literatura com a sociedade nas suas diferentes camadas e modos de organização, é talvez uma das melhores portas de entrada para a literatura chinesa atual.

China in
Ten Words

People
人民

Leader
领袖

Reading
阅读

Writing
写作

Lu Xun
鲁迅

Revolution
革命

Disparity
差距

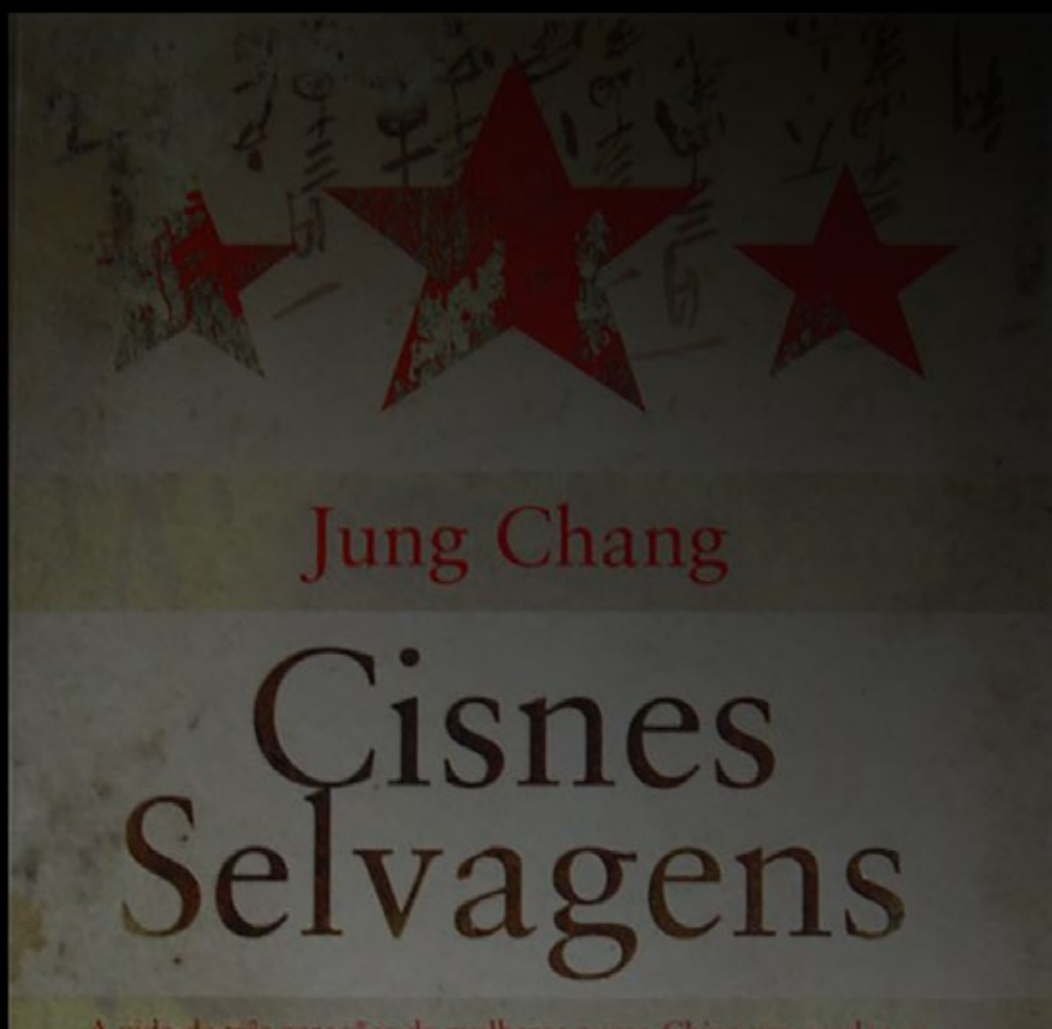
Grassroots
草根

Copycat
山寨

Bamboozle
忽悠

by
Yu Hua

Saga familiar, o romance que trouxe fama internacional a Jung Chang acompanha a história de três gerações da família da autora, percorrendo um arco temporal entre a vida da sua avó – dos fins do Império aos alvares da República, já com a guerra entre comunistas e nacionalistas a ganhar terreno – e a sua própria, criança nascida em pleno governo de Mao Zedong, crescendo entre a propaganda, as purgas políticas e as primeiras dúvidas sobre as boas intenções de um regime que dizimou um sem número de vidas.



A vida de três gerações de mulheres, numa China em mudança,
do início do século XX até ao fim do comunismo.
Um romance fundamental.



china

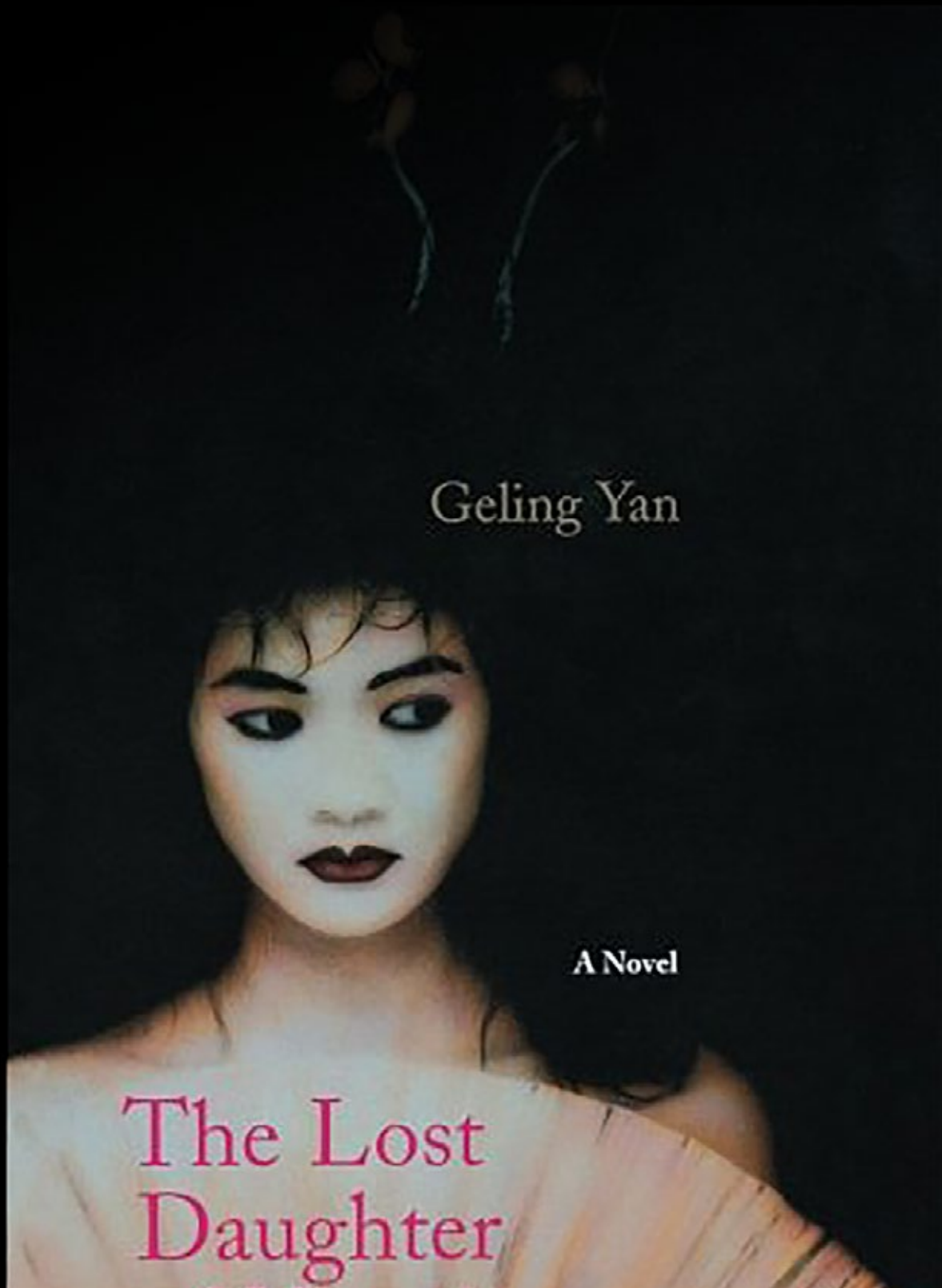
Ma Jian

Beijing Coma

Chatto & Windus

Publicado em 2008 e rapidamente traduzido para inglês, *Beijing Coma* é um dos muitos livros censurados pelo governo chinês. Ma Jian, que viveu os acontecimentos de 1989 na Praça Tiananmen, construiu um romance cuja personagem central acompanha os anos posteriores ao massacre que decorreu no centro de Pequim. Entre dois tempos, Dai Wei é um dos estudantes envolvidos no movimento de Tiananmen e é, igualmente, o corpo imóvel e aparentemente incommunicante que jaz numa cama, ao cuidado da sua mãe, muitos anos depois desse momento em que tantas esperanças se desmoronaram.

Um tiro disparado pelo exército deixou-o em coma e Ma Jian fez dele a personagem privilegiada que nunca abandonou a praça de Tiananmen, mantendo-se como testemunha silenciosa do muito que sucedeu na China entre 1989 e os primeiros anos do século XXI.





of Happiness

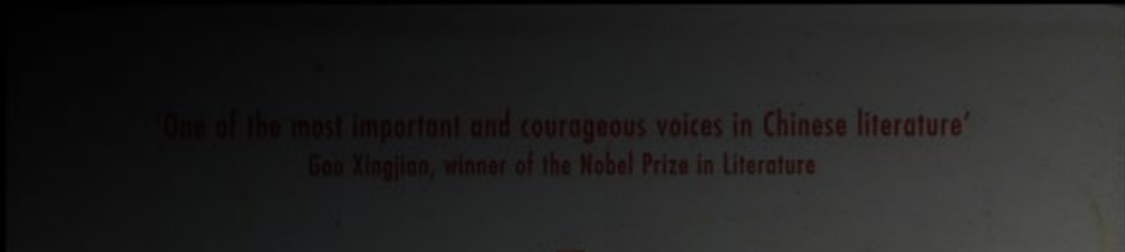
china

Yan Geling

The Lost Daughter of Happiness

Hyperion East

Foi o primeiro romance desta autora a ser publicado em inglês e é uma narrativa sobre a procura da memória e das raízes – culturais e familiares. A história de uma rapariga chinesa que acaba, vítima de tráfico, como prostituta em São Francisco, nos Estados Unidos da América, é também a história de alguns amores, vários desencontros e muitos preconceitos raciais, refletindo a pouca disponibilidade que tantas vezes revelamos perante os que não se nos parecem. Yan Geling é uma das mais reconhecidas escritoras chinesas, tendo vários dos seus romances adaptados para o grande ecrã.



'One of the most important and courageous voices in Chinese literature'
Gao Xingjian, winner of the Nobel Prize in Literature

MA JIAN



BEIJING
COMA

A NOVEL

china

Jonathan Watts
Quando Mil Milhões de
Chineses Saltam

Livros de Bordo

Assinado por um jornalista do diário inglês *The Guardian*, este é um livro sem ficção e talvez um dos mais urgentes contributos para conhecer os desafios da sociedade chinesa atual. Baseado em dados (numéricos e não só) cuidadosamente verificados, Jonathan Watts atravessou a China em busca de informações sobre as questões ambientais e a sua relação com a sobrevivência, a alteração da paisagem e os modos possíveis de organização económica e social. Entrevistando cerca de duas centenas de pessoas, entre ativistas, agricultores, cientistas e estudantes, Watts mapeou os principais problemas ambientais enfrentados por uma das maiores economias do mundo – da qual dependem e com a qual mantêm fortes relações grande parte das restantes –, questionando escolhas e também mostrando alternativas em curso. É fácil perceber que o equilíbrio ambiental do mundo depende, em certa medida, do que se passa num país com a dimensão económica e industrial da China, mas lendo o livro de Jonathan Watts conclui-se que essa dependência se espalha por muito mais detalhes do que aqueles que imaginaríamos possíveis.

JONATHAN WATTS

A graphic consisting of approximately 15 concentric circles, creating a tunnel-like effect. The circles are centered on the page and frame the main title.

**QUANDO
MIL MILHÕES
DE CHINESES
SALTAM**

**VIAGEM À VANGUARDA DA
CONSERVAÇÃO AMBIENTAL NA CHINA**



A CASA DA ANDRÉA

NUMA GALÁXIA
NÃO MUITO
DISTANTE MAS
UM TANTO
DISFORME

ANDRÉA ZAMORANO

Numa

galáxia não muito distante mas um tanto disforme, vivia um povo apático. E assim o era por ser governado por um vampiro-poeta. A estranha criatura levava os seus concidadãos a ficarem indecisos entre sentirem medo das suas incursões noturnas – quando se encontrava com outros seres repulsivos para sugar o sangue da população sub-repticiamente – ou de ouvir um dos seus poemas ou discursos, capazes de causar graves irritações nos olhos e nos ouvidos de quem acidentalmente se cruzasse com as pérolas de naftalina.

Nessa galáxia, as cidades funcionavam agrupadas em estados que por sua vez correspondiam, pelo menos em teoria, a estados-nação como se de uma federação se tratasse, sendo o iníquo vampiro-poeta a autoridade máxima. Um desses estados-nação era considerado pelos restantes como o local mais maravilhoso da galáxia, tamanha era a sua beleza. O exuberante estado-nação era então governado por um ser muito alto, com pés enormes e uma cabeça minúscula que mal dava para pensar. A desproporção entre cabeça e pés fazia com que os seus atos fossem catastróficos. Todas as vezes que o governador se mexia, os seus pés agigantados e a sua cabeça insignificante acabavam por esmagar partes do estado e da população. Apesar dos clamores iniciais mais valia que o governador não saísse do seu lugar. Assim aos habitantes resignados restava esperar que o tempo do mandato terminasse.

No lindíssimo estado-nação havia ainda uma cidade de cores vibrantes que de tão extraordinária era conhecida para além da galáxia. Todo o universo sonhava em um dia visitar a cidade maravilhosa. Porém a pouca sorte do povo apático estendia os seus tentáculos, o prefeito da cidade era uma ovelha-cantora. Dócil e de fala mansa nas suas apresentações, o alcaide mostrava-se com uma farfalhuda pele de lã branquinha, como cabe a todo cordeiro que se preze, e a sua voz encantava os homens e as mulheres de alma pura que acreditavam nas canções em que o edil prometia o paraíso para os que sonhassem o seu projeto: uma nova cidade, depois um novo estado-nação e por fim toda a galáxia não muito distante mas totalmente disforme seriam dele e do seu tio-pastor do maior rebanho de ovelhinhas da galáxia.

Contudo, a cidade imaginada pelo ardiloso e terno prefeito estava longe de existir tal como a sua governação. A violência assolava as ruas da cidade maravilhosa como as ondas num mar de ressaca que destroem sem piedade ciclovias suspensas e mal construídas em lugares paradisíacos. Não via lados, ideologias políticas, cor da pele, não fazia diferenças sociais. Quem sabe a única expressão da igualdade na cidade fosse a sua brutidão. Selvagem para todos, inacessível para a maioria e incrível apenas para os que a viam como lugar idealizado ou do alto das suas coberturas bem construídas. Era assim a cidade maravilhosa.

O prefeito ovelha-cantora fazia de conta que acreditava que os seus salmos eram suficientes, punha-se no alto de tribunas religiosas com um manto

de oração nas costas e um colete à prova de balas por baixo do paletó a entoar os cânticos flamejantes contra as manifestações populares e viajava. Viajava tanto que – como o deus em que acreditava – praticamente estava em toda a parte menos na cidade que jurou comandar.

Numa das suas ausências intergalácticas, em surdina o governador dos pés desmesurados e cabeça de semente de papoila fez um acordo com o hematófago líder vampiro-poeta e ambos tomaram a sua cidade de assalto. Melhor dizendo, contra os assaltos. O prefeito ovelha-cantora que não considerava nenhum dos dois governantes à altura dos seus planos de dominação da galáxia foi chutado para um canto estelar, perdendo autonomia e prestígio na cidade que sonhou transformar com drones e leitinho para as crianças.

O maleficiente vampiro-poeta e o governador dos pés colossais e cabeça de alfinete uniram-se contra o crime organizado – por pura ironia – tendo o governador aberto mão de parte significativa da administração do estado-nação para a união galáctica em troca do ministério das construções espampanantes no executivo que se constituiria num breve futuro.

Não, o crime na cidade maravilhosa não terminou nos meses que se seguiram à ocupação federal-militar-galáctica imposta pelo vampiro-poeta, mas os seus caninos ficaram afiados. Os tanques na avenida à beira-mar, os helicópteros em voos rasantes, os homens fortemente armados com permissão para matar – e não por ironia – foram uma espécie de *Whey-Protein* governamental. O vampiro-poeta ganhou musculatura, atreveu-se a aparecer

na luz do dia, candidatou-se à presidência da união galáctica e venceu ao aniquilar previamente as vozes dissonantes.

Nos anos que se seguiram, a solução tonificada foi replicada em todas as capitais dos estados-nação, tornando-as também em cidades maravilhosas – nem mesmo o prefeito ovelha-cantora sonhara com tal desfecho. Ao povo apático, o vampiro-poeta chupim ia dando uma bolachas de água e sal como quem sonha em atirar bacalhau para uma plateia histérica. E foi assim que um dia, na sua magnanimidade distorcida decidira poupar a população de pelo menos um dos seus suplícios: estar horas de pé em filas para votar num dia de feriado galáctico. Já não era necessário. Todos os governantes ao nível dos estados-nação e das cidades passaram a ser indicados por ele, libertando a população para um feriado bem passado em família. Afinal, tanto fazia mesmo. Quaisquer bestas candidatas, nas suas mais específicas monstruosidades, seriam seres parasitários e facilmente corruptíveis. O vampiro-poeta encarregava-se de zelar pelo povo apático e a galáxia não muito distante passara a ser um lugar bastante conforme.



AMIGO DE
SARAMAGO
SEJA AMIGO DA
FUNDAÇÃO
JOSÉ SARAMAGO
E DESFRUTE
DAS VANTAGENS

www.josesaramago.org



Fundação
José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10, 1100-135 Lisboa
Tel. (+ 351) 218 802 040
www.josesaramago.org



Agora o Sócio Gerador
vem com o cartão para
a cultura portuguesa.

+ experiências
+ descontos
+ assinatura
Revista Gerador

Sabe tudo em
gerador.eu/cartao-socio-gerador

Andreia Brites



Agora é palavra chave. O agora dos pré adolescentes de há dez anos era muito diferente deste. Se há presente na existência, é nesta fase. Por isso, pensar nos leitores pré adolescentes implica pensar neste momento.

Adolescência só aos 15

Há três décadas a adolescência começava algures pelos 12 anos. As crianças de então largavam a sua condição infantil para abraçarem com maior ou menor entusiasmo essa nova fase sem direito a pré. Hoje vem da boca dos próprios a assunção da nova condição: a adolescência só começa aos 15, antes dá-se o tal preâmbulo.

Não entrando em questões do desenvolvimento cognitivo e emocional, é um facto que os especialistas dão como mais tardia esta fase que antes apenas consistia num intervalo entre a infância e a juventude. Provavelmente as causas são diversas e imbricadas, como sempre acontece nas dinâmicas socio-culturais e bioquímicas. Inegável é contudo a infantilização de muitos comportamentos e a expansão de um estado anterior ao da idade adulta, com tudo o que isso acarreta do ponto de vista da autonomia e da responsabilidade individual. Pode dizer-se que esta nova baliza intermédia vem legitimar ainda mais esse prolongamento mas há evidências acerca de padrões de comportamento próprio que se adquirem e intensificam entre os 10, 11 anos e os 14 e se esbatem a partir dos 15.

No que concerne à leitura, o contexto é dinâmico e obedece a padrões: tendências antigas foram recuperadas e convivem com novas propostas. O marketing revela-se uma arma poderosíssima e muitas vezes perigosa. E ainda não há soluções milagrosas para levar os pré-adolescentes a ler. Pode mudar a designação, mas a idade da não leitura mantém-se a mesma. E novidades?

É inegável a expansão de um estado anterior ao da idade adulta, com tudo o

que acarreta na autonomia e responsabilidade individual.

As modas

Modas há muitas. Uma delas é o ressurgimento de coleções antigas, como **O Colégio das Quatro Torres**, **As Gémeas**, ambos de Enid Blyton ou ainda **Patrícia** de Julie Campbell, todas da responsabilidade da Oficina do Livro, ainda pela mão da ex-editora Rosário Alçada Araújo que também apostou na reedição de algumas obras da Condessa de Ségur. O sucesso não seria óbvio, não fora pela memória afetiva das adultas de referência, mães, tias, professoras, que logo se reconfortaram com as boas recordações da sua própria infância e se apressaram a disponibilizar os livros à descendência. É por isso comum encontrar raparigas entre os oito e os doze anos que leem estas coleções e sonham em frequentar colégios internos com as amigas ou em partilhar aventuras em grupo.

Em oposição à tradição chegam a uma velocidade difícil de acompanhar sagas e mais sagas diarísticas de anti-heróis que sofrem as agruras da pressão do grupo. A moda já tem mais de uma década e nasceu com **O Diário de um Banana**, de Jeff Kinney, ainda pela Vogais & C^a. antes da criação do grupo editorial 20|20. É aliás maioritariamente da chancela Booksmile, que pertence ao grupo, que chegam diversos títulos do mesmo género ao mercado. **Escola**, **Eu cómico** e **Jacky Ha-Ha**, de James Paterson ou **Rita Risca Rabisca** (Knife & Packer) são outras coleções que se juntam a **Tom Gates** (Liz Pichon). No entanto, continua a ser **O Diário de um Banana** a coleção mais vendida. A par desta, **Diário de uma Tóto** (Rachel Renée Russell) editado pela Gailivro será o correspondente feminino com mais sucesso. O que há de mais relevante nesta fórmula é que se operou ao longo da década uma mudança ao nível da receção. Se quando apareceu **O Diário**

de um Banana este era lido sobretudo por pré-adolescentes entre os 12 e os 14 anos, é hoje muito comum encontrar a maioria dos seus leitores entre o público infantil, a partir dos 8 anos. Ao contrário do que acontecia e acontece com grande parte dos clássicos literários juvenis que são lidos cada vez mais tarde, por ausência de interesse ou dificuldades de competência leitora, esta fórmula que inclui a narrativa textual e visual e o humor do quotidiano é de imediata compreensão pelos mais novos, que se revêm e facilmente ace-dem ao humor produzido por trocadilhos, comentários e situações. Outro caso de sucesso é o de David Walliams, editado pela Porto Editora. O autor britânico, originalmente ator de comédia, garante personagens próximas do grotesco a par de outras, normalmente crianças, absolutamente insuportáveis, provocando grande entusiasmo junto dos mais novos graças às situações criadas e às estratégias narrativas que utiliza. O ritmo, a ilustração e a composição de personagens e cenários imprevisíveis combinam na perfeição e alimentam avidamente muitos leitores.

Não quer isto dizer que aos 12 ou aos 13 anos ninguém leia este tipo de livros, haverá sempre quem aceda mais tarde, mas a moda migrou e isso não é por acaso. Esta fragmentação, o apelo da imagem e a piada, muitas vezes mais evidente do que seria desejável, fazem já parte do quotidiano da geração de crianças que já nasceu com o youtube. Neste contexto, se há infantilização de comportamentos e desresponsabilização dos pré-adolescentes e adolescentes no que respeita às suas tarefas e autonomias, há um acesso cada vez mais precoce às ferramentas que ditam conversas e partilhas.

**o apelo da imagem
e a piada, muitas
vezes mais evidente
do que seria desejá-**

Todos vão saber
quem somos
e do que somos capazes!

A Patricia e a Isabel O'Sullivan estão
decididas a dificultar a vida
a toda a gente no seu novo colégio,
mas nem sabem o que as espera...

Vai haver sarilhos em Santa Clara!

Collecção
AS GÊMEAS



Enid Blyton

As Gêmeas no Colégio de Santa Clara

H

OPICINA

Enid Blyton AS GÊMEAS

no Colégio
de Santa Clara



vel, fazem parte da geração que já nasceu com o youtube.

Nada é novo, tem apenas outra roupagem, mais produção, mais comunicação para cumprir os desejos do seu público, mais oferta e mais velocidade. Desde sempre os diários foram apreciados pelos mais novos mas é certo que hoje **O Diário Secreto de Adrian Mole** soa desadequado a pré-adolescentes que não entendem o humor ácido do protagonista que vive num contexto social desfavorecido, combate o capitalismo de Margaret Thatcher (quem é mesmo essa tal dama de ferro?) ou tem, avant la lettre, preocupações ambientais. Todavia não podemos considerar que quem acompanhou as frustrações e ilusões de Adrian dispusesse de todos estes dados. É evidente que estas obras não foram nunca uma moda e que apenas eram lidas por quem conseguia pôr as suas competências de leitura ao serviço de múltiplas inferências e pelo menos intuía que não era problemático não perceber um ou outro comentário para disfrutar da leitura.

O drama acentuou-se como preferência. Desengane-se quem considera que é um nicho feminino. Assim começou e muito pela descoberta da leitura por mulheres que encontraram em Nicholas Sparks e Nora Roberts uma identificação que partilharam com as filhas. Hoje esses autores já não constam da primeira linha de preferências das pré-adolescentes, tendo sido substituídos por **A Culpa é das Estrelas** e **À procura de Alaska**, de John Green, ou por **Se eu ficar**, de Gayle Forman. Conscientes deste filão, as editoras começaram a apostar noutros títulos que correspondem a experiências traumáticas relacionadas com a doença, a morte, o abandono, a violência ou a discriminação. A par da Presença, a editora com o maior e melhor catálogo juvenil, a Nuvem de Tinta, chancela da Alfaguara em Portugal, tem vindo a dar cartas. **A Rapariga que sabia demais**, de M. R. Carey, é um bom exemplo. Basta fazer a expe-



riência de introduzir o título num motor de busca e logo aparece uma lista de referências que inclui blogues e opiniões no Goodreads. **O Quarto de Jack**, de Emma Donoghue, é outro exemplo, desta feita editado pela Porto Editora que se vai sempre mantendo atenta aos êxitos internacionais e edita estes títulos não na coleção juvenil mas na coleção de literatura. Basta percorrer o site da editora para confirmar que apenas um título deste género, **O Coração de Simon contra o mundo**, consta dos dois catálogos. Depreende-se então que a estratégia comercial da Porto Editora não é a de distinguir destinatários e sim miscigenizá-los como estratégia de contaminação. O mesmo não acontece com o maior sucesso juvenil da Porto, a coleção **Cherub**. Essa tem o seu lugar bem definido já que o seu público, o que deseja ação e mistério mas ainda não está preparado para contextos políticos complexos, não quer ver os seus eleitos ao alcance dos adultos. No entanto, os thrillers de Jeff Abbott, que podem preencher o desejo de ação a estes pré-adolescentes quando crescerem mais um pouco e deixarem de se sentir identificados com as lógicas da **Cherub**, já integram o catálogo de literatura geral.

Os livros contra os filmes e as séries?

Outra tendência que se acentua é a do terror. Rapazes e raparigas exibem o seu desejo de ler e ver terror, com muito sangue e mortes, monstros, vampiros, e toda uma parafernália de cenários. Os livros raramente respondem a este desejo atualmente. Quando se pergunta ao público por títulos que correspondam a este tema, não se obtém resposta.

Ao invés, o terror chega até aos pré-adolescentes por via das séries, dos filmes e dos jogos. O que interessa é o susto, a adrenalina do medo, a supe-

O terror chega aos pré-adolescentes pelos filmes e jogos.

O que interessa é o susto, a adrenalina do medo, a superação.

ração. Exatamente como sempre foi. O que acontece é que o terror pensado, o terror artístico, seja literatura seja cinema, chega pouco ao público, sendo substituído por fórmulas primárias. No que concerne aos jogos, o caso já é um pouco diferente. Este universo tem vindo a aperfeiçoar a imagem, o figurino, o ângulo pelo qual o jogador assiste e participa na ação. Há algum tempo que coleções como **Arrepios** ou **Horrrível** deixaram de mobilizar os pré-adolescentes com entusiasmo fácil. Agora há **Five Nights at Freddy's** que está muito longe de ser um jogo de ação. Ao contrário, o jogador tem uma parte do desafio na sua mão mas não controla o espaço na sua totalidade e pode por isso ser surpreendido. Há estratégia e muitos vídeos no youtube: alguns postados por youtubers a jogar, outros com imagens e informações dos animatrónicos, os protagonistas, outros ainda com o contexto da narrativa com recurso a histórias reais e outras menos. Curiosamente ou não, o facto é que o designer do jogo decidiu criar uma narrativa para ser lida. Uma novela de ação, suspense e terror, **The Silver Eyes**, que acompanha o filho do dono da pizzeria, tragicamente assassinado dez anos antes, numa missão de exploração da pizzaria, constatando que os animatrónicos que animavam os clientes se tinham transformado. O sucesso do livro, bestseller do *New York Times*, levou à sequência **The twisted ones**. Os livros ainda não chegaram a Portugal mas a pergunta que fica é a seguinte: será o jogo e a moda o caminho para a leitura destes livros?

Os casos de adaptação de livros a filmes e séries abundam, de tal maneira que quando os vemos muitas vezes nem sequer sabemos que antes do guião existiu um romance, uma novela, um conto. Com o *streaming*, canais como o netflix, a incontrolável pirataria e os *trailers* que se multiplicam no

Chega a Jacky Ha-Ha!
Prepara-te para
as maiores e mais
enormes gargalhadas
da tua vida.

Olá! Eu sou a Jacky Hart ou, como sou
conhecida por todos, a Jacky Ha-Ha.

Não acredites o que dizem! É que eu nasci apenas com um
objetivo: fazer rir. Sou uma «palhacista» especialista em piadas
(algumas boas e outras apenas parvas), partidas, disparates
e basicamente qualquer coisa que provoque lágrimas... de tanto
rir. O problema é que, às vezes, este meu humor tão explosivo
acaba por me meter em grandes sarilhos.

Tenho 13 anos, sou uma adolescente como tu e estou aqui
para te contar uma história: a minha, das minhas seis irmãs,
do meu pai, que é nadador-salvador, da minha mãe, que
é agente do Exército e está do outro lado do mundo
a combater, e de um monte de gente (riscar o que não
interessar) que não tão fixe, assim-assim, que contribui
para tornar este livro uma super-híper-mega-comédia.

Se achas mesmo que aguentas as dores de barriga
de tanto rir, então este livro é perfeito para ti.

Palavra de Jacky Ha-Ha!

Conversa com a Jacky em
@jacksongpatterson



James Patterson



JACKY
HA-HA



O novo e hilariante livro do autor das séries
EU CÔMICO e **ESCOLA**

JACKY



N.º 1 em todo o mundo
James Patterson
Mais de 325 milhões de livros vendidos

CHRIS
GREENINGTON

youtube, são os pré-adolescentes e os adolescentes quem primeiro chega à informação que lhes interessa. Provavelmente porque têm mais tempo para navegar, possivelmente porque já conhecem canais que lhes vão dar acesso às novidades, seguramente porque passam informação entre si e são vítimas, como todos os utilizadores, de algoritmos que estudam as suas preferências. Quando se conversa sobre interesses não é difícil que o filme ou a série surja mais depressa que o livro. Todavia, há casos em que o filme leva à leitura do livro e, quando em presença de uma trilogia ou mais, o leitor opta por continuar a leitura e só depois ver os filmes. Dois casos que promovem o debate são **Se eu ficar** de Gayle Forman e **Por treze razões** de Jay Asher. Enquanto o primeiro fez sucesso quando foi editado em Portugal, o segundo, que foi lançado numa data aproximada, não recebeu um eco que se considerasse poder constituir um efeito de replicação de leituras. Ora, provavelmente por essa mesma razão, o filme que adapta **Se eu ficar** foi muito visionado por quem tinha lido o livro e por todos os que tinham curiosidade pela história mas não tinham paciência ou interesse em ler. Muitos dos que acumularam a experiência consideram o filme mais confuso na forma como aborda os *flash-backs* constantes que vão desvendando a biografia de Mia até ao acidente. Já o que acontece com **Por Treze Razões** é quase o inverso. A muitas leitoras, o livro chega por via da série que foi criada com base no livro. Nesse sentido, é a série que despoleta a curiosidade pela leitura, não apenas desse título mas de outro, **Antes do Futuro**, também editado pela Presença, e que desafia o leitor a ver a sua vida no futuro, através das redes sociais. O fenómeno não é novo, já assistíramos à desistência de potenciais leitores de Harry Potter ou de Crepúsculo pelos filmes, por serem mais fáceis, mais rápidos. E também

os pré-adolescentes e os adolescentes são vítimas, como

todos os utilizado- res, de algoritmos que estudam as suas preferências.

não são de hoje os argumentos que defendem os livros em relação aos filmes, justificando que nos primeiros o leitor tem mais informação e pode imaginar espaços e personagens a seu bel prazer. O que acontece atualmente é que a transposição entre formatos é mais acelerada e o acesso mais geral. Quer ***A Rapariga que sabia demais***, quer ***O Quarto de Jack*** têm adaptações ao cinema. Isso, contudo, deixou de ser uma ameaça para os editores que usam os *trailers*, entrevistas de atores e testemunhos dos próprios autores para promover os livros. Quem não gosta de ler vai sempre preferir os filmes e as séries. Mas a circulação das opiniões faz a moda e instala a curiosidade. O acesso em diferentes formatos leva a que também os livros estejam mais próximos dos pré-adolescentes.

Leituras paralelas

É falso afirmar que os pré-adolescentes leem menos do que antigamente. Em primeiro lugar porque antigamente é demasiado vago para se conseguir uma comparação, em segundo porque os pré-adolescentes leem noutras plataformas e outras tipologias de texto desvalorizadas e desconhecidas pelos adultos. Tutoriais, instruções e comentários em fóruns temáticos são algumas delas. Os jogos alimentam curiosidade, necessidade de aperfeiçoamento e até desejo de aprofundar conhecimentos ao nível da programação. Muitos dos que afirmam não ler quando questionados não têm em consideração este tipo de leitura. Mais uma vez, tal comportamento não é novo. O mesmo

A M. R. CAREY
**A RAPARIGA QUE
SABIA DE MAIS**

Melanie é uma menina muito especial. Tem dez anos e sabe à escola, aprender coisas novas, falar com a professora Justina sobre todas as coisas que fará quando crescer.

Mas a ida à escola implica aguardar todos os dias na sua sala que homens armados venham buscá-la para a levar amarrada a uma cadeira de rodas, para a sala de aula. Brinca com eles, diz que não morde. Mas ninguém se fi.

Melanie tem um dom, mas nem todos os dons são uma bênção.

Uma Humanidade moribunda e irreversível é o palco de *A rapariga que sabia demais*, um livro ambicioso e apavorante, cuja carga emocional esmagadora o destina a ser um dos romances mais marcantes do ano, em breve também no grande ecrã.

«Original, empolgante, excelente.»
Guardian

«Assombroso e comovente.»
Vogue

«Assustador, tenso e arrebatador... mas de uma profunda ternura.»
Marie Claire

«Glorioso.»
The Daily Telegraph

«É fácil esquecermo-nos de respirar enquanto vivemos no presente.»
Booktopia

«Enigmático e absolutamente vicinista.»
Harper's Bazaar



M. R.
CAREY

A
**RAPARIGA QUE
SABIA DE MAIS**

NUVEM
DE
TINTA

NEM TODOS OS DONS SÃO UMA BÊNÇÃO.



A
**RAPARIGA QUE
SABIA DE MAIS**

M. R. CAREY

“UMA OBRA-PRIMA.”
SUN

NUVEM
DE
TINTA

já vem acontecendo há muito tempo com a banda-desenhada, embora se sinta menos o preconceito com a sua progressiva integração nos programas de português e uma lenta e discreta valorização nos órgãos de comunicação social. O que se passa com estas plataformas e tipologias é digno de reflexão. Por um lado, não interessam a quem não joga e por outro não têm uma linguagem acessível a esse público, o que em muito dificulta o domínio por parte de educadores e mediadores adultos. Todavia, a competência de leitura instrutiva e o léxico específico constituem ferramentas que poderão vir a ser preciosas num futuro que se prevê altamente dependente de softwares e códigos de programação que vão do mais básico ao mais complexo.

O papel do livro, porém, mantém uma legitimação científica relativamente a este universo, tanto quanto uma oportunidade de mercado para as editoras. Assim, não faltam livros associados a jogos populares como o **Clash Royale** que tem pelo menos três guias não oficiais, um editado originalmente no Brasil, outro em Espanha e outro no Reino Unido. **Assassin's Creed** é um dos jogos com maior aceitação junto da crítica e do público. O primeiro jogo saiu em 2007 e uma década depois continuam a criar-se novos jogos para a série na ordem de um por ano. Reúne fantasia, mitologia, ficção histórica, personagens fictícias e outras reais. Não chega a ser um mundo paralelo como o de *Tolkien* mas concentra muita informação que se explora não apenas numa outra série de jogos como em banda-desenhada, filmes e vários romances que acompanham as épocas principais em que decorrem os jogos. A saga é complementar ao jogo, podendo ser lida por quem gosta

É falso afirmar que os pré-adolescentes leem menos do que antigamente. Leem

noutras plataformas e tipologias de texto desvalorizadas pelos adultos.

do género sem ser preciso ter contacto com o universo do ecrã. Simultaneamente, quem joga também se pode motivar pelos livros, pelo que mostram e deixam de fora. A complexidade de factos está ao nível, no jogo e nos livros, de qualquer boa saga fantástica e de ficção histórica pelo que é altamente provável que um mediador atento possa sugerir estes livros a um determinado perfil de pré-adolescentes. Daqui para outras sagas, para a mitologia e para a história, pode ser um caminho que se amplia.

Outro caminho muito distinto é o da música. E não se trata apenas de constatar o sucesso e o interesse por biografias de cantores ou de bandas como sempre aconteceu. O fenómeno mais recente é o que substitui o antigo videoclip pelos vídeos no youtube onde rappers, mcs e djs fazem soar as batidas, os ritmos, as misturas e as letras das suas composições. O que mais agrada aos pré-adolescentes que ouvem este tipo de música, e são muitos, são em grande medida as letras de revolta e de testemunho que uma nova geração de músicos faz saber, à imagem do que sempre aconteceu no hip hop. Mas este é o seu presente e para eles esta geração é a primeira. Violência, pobreza, abandono, prostituição, sonhos, memórias são alguns dos temas que rapazes e raparigas de onze ou doze anos se apressam a interpretar numa atitude de respeito perante quem o diz. Não é difícil provocar um debate aceso entre ouvintes de rappers rivais sobre a sua qualidade e espante-se o adulto com o nível da argumentação que chega ao detalhe de descodificar frase a frase. Estarão estes leitores de audio mais preparados no futuro para a poesia e a narrativa dita em voz alta?

Títulos da Coleção

1. O Recruta
2. O Traficante
3. Segurança Máxima
4. O Golpe

Já li cada livro pelo menos três vezes e adoro!
Nome de código: César

Estou completamente fascinada! Fartei-me de sonhar com as histórias, como se eu fosse parte da CHERUB e como se eu fosse amiga do James. É MESMO FANTÁSTICO!
Nome de código: Rita

O GOLPE

O 4.º livro da coleção mais alucinante do momento promete deixar os seus leitores sem fôlego!

Leon Tarasov é um pequeno criminoso, que enriquece subtilmente e de forma suspeita. Quando a polícia pede ajuda à CHERUB para averiguar a situação, a missão de James é apenas de rotina: aproximar-se dos filhos de Leon, escutar algumas conversas, vasculhar a sua casa... Mas quando James descobre provas sobre um grande golpe, a missão torna-se a preocupação principal da CHERUB e da polícia. Infelizmente, a testemunha principal morreu um ano antes, em circunstâncias misteriosas.



www.mundocherub.com

<http://mundocherub.hi5.com>



ISBN 978-972-04-2664-4



PORTO EDITORA



Robert Muchamore

O GOLPE

O GOLPE

Robert Muchamore



PARA EFEITOS OFICIAIS, ESTAS CRIANÇAS NÃO EXISTEM

A falta de referências e de domínio da língua

Mas nem tudo são rosas, bem pelo contrário. Se lermos as letras dos raps de Piruka, 9 Miller ou Holly Hood rapidamente nos damos conta do calão, do léxico cifrado, da fragilidade de concordâncias, etc... O mais grave talvez nem seja essa gíria subversiva que tem pelo menos meio século de história, diretamente das ruas do Bronx e de Harlem. O pior são as disputas entre os famosos, que são idênticas àquelas que outros youtubers alimentam nos seus canais. Para chegar a algum sumo é preciso saber escolher e o juízo crítico também precisa de ser desenvolvido. Se o rap ou o hip hop se resumem, para muitos, a seguir as ofensas trocadas entre pares no youtube, em pouco ou nada isso terá que ver com leitura do mundo e da palavra. O mesmo se passa com a febre que os pré-adolescentes intensamente alimentam em relação a um conjunto de youtubers portugueses e brasileiros. Para além do trocadilho básico, do calão, do vocabulário substituído amiúde por onomatopeias, estes youtubers não discernem sobre nada, sequer sobre os jogos que jogam e partilham nos canais. Tudo se resume a mal dizer, provocações, excessos, provas de violência inclusivamente com armas e desfiles de produtos. São estes mesmos youtubers que já têm também livros editados, biografias que aproveitam o momento para a exploração da imagem.

Perante tamanho acesso e tão diversificado, como se explica a diferença entre merda numa letra da Capicua ou múltiplas e grosseiras asneiras repetidas em estereofonia por um youtuber? Como marcar a fronteira entre a arte e o comércio?

Quem não lê sofre de falta de referências e de um fraco domínio da língua, quer a nível semântico e lexical, quer a nível estrutural. Por outro lado,

Quem não lê sofre de falta de referências e de um fraco

domínio da língua, quer a nível semân- tico e lexical, quer a nível estrutural.

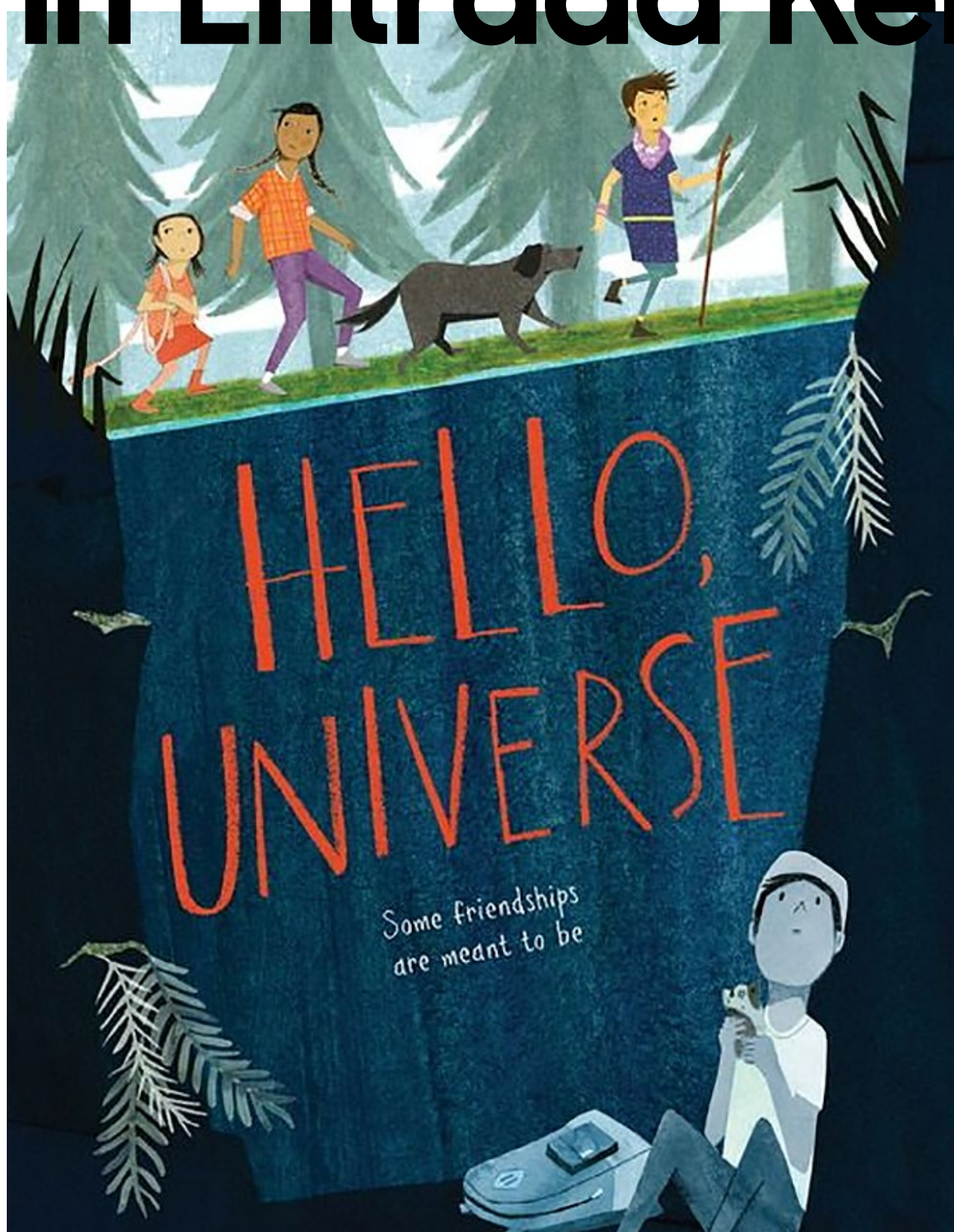
se não é proporcionado ao pré-adolescente e anteriormente à criança um ambiente que incentive a curiosidade e a constante leitura do mundo, não terá ele as ditas referências que o ajudarão a ultrapassar as dificuldades que a literatura sempre apresenta. Quando muitos não leitores pré-adolescentes e adolescentes afirmam jocosamente que só leem legendas, isso é atualmente mais perigoso do que parece. Basta ler os rodapés dos canais de informação para deparar com múltiplos erros ortográficos e até de concordância. A acrescentar a isto, muita legendagem de séries e filmes chega do Brasil com marcas gramaticais distintas. O cuidado com a língua no texto que se expõe, nomeadamente no que à comunicação social diz respeito, é imperativo. Porque, ao contrário do que pensam esses pseudo-rebeldes quando o afirmam, a ler legendas e rodapés podem ler muito sobre o mundo.

A falta de vocabulário, a dificuldade em distinguir o literal do figurado e a velocidade fragmentada dos hábitos sociais e de comunicação são hoje factos consumados que dificultam o hábito de ler literatura. Contudo, também há pré-adolescentes que assumem não gostar de ler mas que gostam que lhes leiam. É um caminho, incompleto mas melhor do que nada. Neste presente sempre em mudança é importante aproveitar o que as modas, na sua efemeridade, podem ter de bom. E mediar, oferecendo mais possibilidades.

and the winner is...

Fevereiro é mês de anúncio dos mais importantes prêmios americanos dedicados ao livro infantil e juvenil nos E.U.A. As categorias são diversas e para além dos vencedores há ainda um conjunto de menções honrosas. O anúncio aconteceu no encontro da American Library Association no passado dia 14, em Denver. De todos os prêmios, os mais antigos e importantes destacam o melhor livro pelo texto e o melhor álbum pela ilustração.

Erin Entrada Kelly



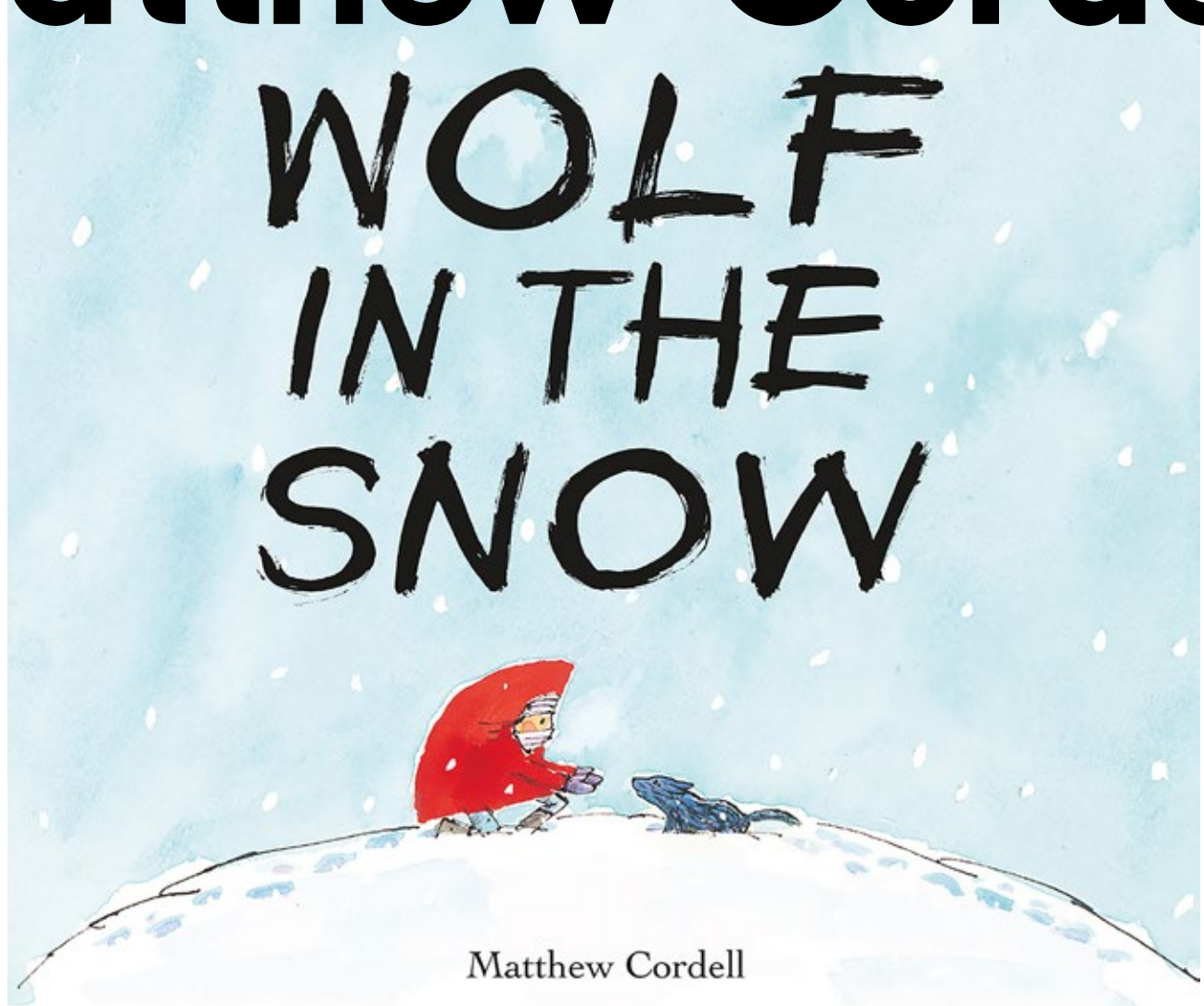


Newbery Medal

Hello, Universe, Erin Entrada Kelly, Greenwillow Books

Destinado ao público pré-adolescente, esta narrativa reúne quatro personagens numa transformação de relacionamento. O *buller*, a mística, a surda e o inseguro representam diferentes perfis e a sua interação pretende mudar e melhorar a sua relação com o mundo.

Matthew Cordell



Caldecott Medal

Wolf in the snow, Matthew Cordell, Feiwel and Friends

O álbum acompanha o caminho trilhado por uma capuchinho vermelha na tentativa de proteger um lobo. Partindo do referente imediatamente identificável (uma menina vestida com um casaco vermelho com capuz e um lobo) o autor tece uma aventura que provoca sucessivas provas à menina.

espelho meu

ANDREIA BRITES

ANIMAIS SELVAGENS DO NORTE

**Dieter Braun
Orfeu Negro**



Neste álbum informativo as imagens contam. Não são fotografias ou ilustrações científicas. Cada animal escolhido obedece ao mesmo estilo compósito que resulta da combinação de cores e formas e lhe dá uma identidade estética. Assim que se folheia o livro registra-se este dado pouco comum entre os livros informativos destinados ao público mais novo.

A componente da ilustração é aliás a dominante, já que se apresentam mais animais através da imagem que do texto. Através delas identifica-se a postura do urso polar dentro de água, o corpo alinhado do Falcão peregrino em voo descendente pronto a filar a presa ou o western dos filmes de cowboys, do Lucky Luke e do Piu Piu com o coioote no centro do quadro.

Dieter Braun organizou este animalário pelos continentes do hemisfério norte tendo em conta que, como o título logo indica, aqui constam apenas animais selvagens. Os critérios da escolha, não há como saber. Não se reconhece hierarquia de escala ou poder nem paridade nas famílias ou ecossistemas. Por outro lado, a surpresa pode estar na ilustração da alforreca ou na página dupla onde, lado a lado se apresentam dois belos espécimes de lavagantes: um azul à esquerda e um vermelho à direita.

Contando com a diversidade da biosfera em cada um dos continentes há ursos para vários gostos, desde o urso polar ou branco, passando pelo urso-de-kodiac e chegando ao panda-gigante e ao urso-negro-asiático. Também há felinos de vária ordem, do puma ao leopardo-das-neves. Castores, lontras, cegonhas-

-brancas, cascavéis, pica-paus, são outros dos oitenta animais de que o índice final dá conta.

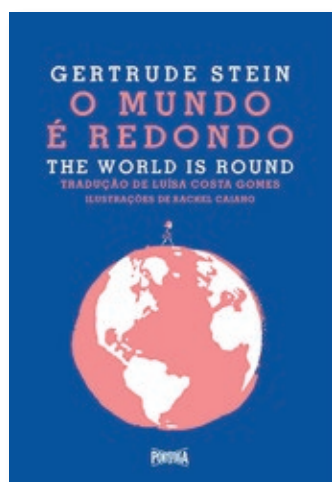
O texto, por seu turno, quer-se sempre breve e coloquial, podendo relacionar o animal com histórias tradicionais, como acontece com o lobo, ou destacando características e comportamentos mais inusitados mas sempre a propósito como por exemplo no caso dos patolas azuis em que a fêmea escolhe o macho pela vivacidade do tom das suas patas. Outro caso é o da alimentação da raposa que não se limita à caça que por si só já se revela de pequeno porte. O facto desta também comer insetos e bagas condiz com muitas descrições das narrativas onde o animal tem protagonismo. O equilíbrio entre a informação mais geral e o pormenor que merece destaque leva o texto para um caminho menos comum contrariando o léxico científico e a objetividade enciclopédica. O que fica por dizer não se pode assim exigir. Ao leitor mais curioso fica-lhe o desejo de mais.

O livro não tem qualquer pretensão que ultrapasse o âmbito da relação estética-comunicativa. Contudo cumpre a sua intenção com a subtilidade suficiente que faz parecer o equilíbrio natural e espontâneo. Por isso é um álbum.



Q MUNDO É REDONDO

Gertrude Stein
ilustrações de
Rachel Caiano
Ponto de Fuga



Como reagir a uma narrativa que se lê como o seu contrário? Entre redundâncias, ecos e pontuação diminuta há uma menina que pensa e sente coisas inusitadas acerca do mundo. Gertrude Stein criou assim o universo de Rosa, impondo ao leitor o absurdo que chega sem mediação. A escrita automática revela-se no texto e pelo texto, obrigando a um constante exercício de recuperação dos elementos que podem, apesar disso, associar-se numa lógica narrativa.

Assim, e a espaços, acompanham-se as angústias de Rosa, a menina que questiona o nome e a identidade, que tem um cão chamado Love e um primo chamado Willie, que vai à escola que fica nas montanhas e rejeita um leão chamado Billie.

O árduo desafio de subir à montanha e se sentar numa cadeira no topo acentua o jogo de impossibilidades e inversosimilhanças. Por outro lado, cada episódio parece aproximar-se de uma parábola que nunca se efetiva. Até onde consegue o leitor afastar-se dos eixos que regulam o discurso? Até onde aceita o pacto contra causalidades

22 ROSA VIU AO PÉ

O que a Rosa viu mesmo ao pé, é o que ela nunca conseguirá dizer e talvez seja melhor assim, imaginem que ela diz aí aí o que viu quando caiu. Coitadinha querida Rosa. Viu mesmo ao pé. Nunca mais havia de ficar naquele sítio, a cadeira depressa a cadeira em qualquer sítio menos ali.

Rosa e a cadeira continuaram, estava escuro pelo menos havia de estar se não estivesse tão claro, está bem, está bem claro que estava bem estava tudo bem era só de noite, era só isso, era só de noite.



Que é isso que a água faz.
Cai também é isso que faz
Sobe quer dizer quando é orvalho mas quando cai
é uma queda de água e a Rosa isso também sabia.
Rosa sabia quase tudo o que a água faz. há imensa
coisa quando se pensa nisso, orvalho lagos rios
oceanos nevoeiros nuvens e quedas de água, a coisa
que a Rosa ouviu era de noite e Rosa ouviu o que

e limites? Se o faz, entra num lugar de ritmos, sonoridades, imagens poéticas e silogismos filosóficos. Rosa canta e chora. As suas canções seguem o estilo mas, por serem canções, apresentam-se como composições poéticas e como pausas no esforço de decodificação. Se há experiência de estranhamento, é esta. Precisamente por isso, deve ser proporcionada. Porque neste livro tempo, espaço e razão perdem todas as referências que guiam o leitor e oferecem-lhe a universalidade e intemporalidade por excelência do mundo pensado e sentido em plena liberdade. Provavelmente porque é redondo e nele tudo rola em movimento perpétuo. O que significa *Rosa é uma rosa é uma rosa* não é óbvio, pode até não ser nada para alguns. É apenas esse movimento das coisas e das palavras nesse lugar onde se encontram, se justapõem e confundem. A desarmonia desarma mas o ritmo mantém o texto sempre vivo.

Rachel Caiano cumpre, com as suas ilustrações, as designações de Stein que, desde a primeira edição do livro exigiu páginas de fundo rosa e tipografia azul. Nesse sentido cada figura é traçada a azul e branco, iluminando um objeto do seu discurso, seja o relógio pelo tempo ou a cadeira que a protagonista transporta ao longo desse percurso que poderia ser uma viagem iniciática. A escolha das cores respeita Rosa, a menina que tanto repete o seu nome, e a sua cor preferida, o azul. Rosa e azul dialogam no grafismo como no texto.

Depois da tradução portuguesa, que ocupa a primeira parte do volume, um interfácio do editor explica a importância da autora e deste texto, seguindo a versão inglesa. Oitenta anos passados sobre a primeira edição de *O Mundo é redondo*, a tradução portuguesa de Luísa Costa Gomes devolve aos leitores de português a oportunidade de experienciarem este clássico vanguardista, em nada menor do que a restante obra da escritora americana.

existiu

josé saramago

para fer-

nando

pessoa

saramaguiana

uma ver-

dade?



Em março de 1988, o jornal catalão *La Vanguardia* pediu a José Saramago uma entrevista para falar sobre Fernando Pessoa. Completavam-se cem anos do nascimento do poeta português e o jornal de Barcelona quis escutar a opinião do autor de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. As perguntas foram respondidas por escritor, em português, e enviadas por fax.



P: Como acha que se devem interpretar os heterónimos pessoanos?

**R: A Fernando Pessoa, homem de máscaras que olham e de-
frontam máscaras, só o poderíamos ler, e porventura com-
preender, se reconhecêssemos, em nós próprios, as máscaras que somos. Produzir-se-ia, assim, uma constelação de sentidos, de leituras infinitamente abertas, nunca conclusivas. Porém, a esta proposta de aproximação opõe-se a tendência geral de definir um Fernando Pessoa unificado, do qual, por mera ramificação, tivessem nascido os heterónimos, reversíveis ao seu ponto de partida em qualquer momento, por mera vontade nossa. Tentativa, em meu entender, condenada a falhar. Cada um de nós é aquele que for (somos quem quando), mas aquele que em nós faz é outro. Melhor do que ninguém tê-lo-á compreendido Fernando Pessoa. Mais do que o denominado «drama em gente», os heterónimos seriam, cada um deles, expressão particular de uma fala múltipla que se tornou sucessivamente singular no acto de formular-se e fazer-se. Aceite esta interpretação, seria obrigatório ler Ricardo Reis como a Ricardo Reis, e não como a Fernando Pessoa. E o mesmo com Álvaro de Campos. Ou Alberto Caeiro. Ou Bernardo Soares. E, em consequência, duvidar que os poemas ortónimos tenham sido, realmente, escritos por Fernando Pessoa, como ele próprio, como esse indiscutível nome, duvidou da sua existência...**



P: Qual a sua opinião sobre o nacionalismo e o sebastianismo?

R: Nunca me interessaram especialmente esses aspectos da obra e da personalidade cívica de Fernando Pessoa, mas penso, no seguimento da resposta anterior, que o tratamento deles deveria ter em conta, não só as opiniões expressas por Fernando Pessoa, mas também o que, por acção ou omissão, caracteriza, em relação ao monarquismo e ao nacionalismo, cada um dos heterónimos. Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Bernardo Soares não são nacionalistas explícitos, o biograficamente monárquico Ricardo Reis não o é poeticamente. E assim voltamos à questão principal: existiu, para Fernando Pessoa, uma verdade? Existiu sequer, para ele, a verdade?

P: A obra de Pessoa influenciou realmente a literatura atual portuguesa?

R: Influência profunda, não a encontro. Ninguém, em Portugal, é hoje discípulo, epígono ou imitador de Pessoa. Pelo contrário, parece haver, até, nos poetas, uma preocupação obsessiva de afastamento dos seus modelos. Finalmente, a partir do dia em que Fernando Pessoa se tornou objecto de citação dos políticos, o mito começou a morrer, para ficar apenas o poeta. Apenas, e como convém.

Um euro.

**Casa Fernando Pessoa
Fundação José Saramago**

Bilhetes de 1€ na segunda Casa de Autor
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada. O desconto
tem a validade de 10 dias.

10
ANOS
YEARS
AÑOS



Fundação
José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10
Tel. +351 218 802 040
josesaramago.org



Casa
Fernando
Pessoa

Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
Tel. +351 213 913 270
casafernandopessoa.pt



Que boas estrelas estarão cobrindo
os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.
Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands
www.acasajosesaramago.com



fevereiro



ATÉ
25
FEV

O Grande Dia da Batalha

Como viver quando o abismo da precariedade, da miséria e da desgraça cada dia mais se abre debaixo dos nossos pés, neste agónico capitalismo em que nos afundamos? Espectáculo de Jorge Silva Melo a partir de Máximo Gorki. Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II.



fevereiro

ATÉ
31
MAR

Cinzas

Exposição de fotografias de Miguel Vale de Figueiredo onde as imagens a preto e branco compõem um olhar sobre o território afectado pelos incêndios de Outubro passado. A venda das fotografias é, também, um modo de ajudar quem tanto perdeu nestes incêndios. Tondela, ACERT. →



ATÉ
02
ABR

Joana Biarnés. A Contracorrente

Exposição que reúne imagens recolhidas pela fotojornalista catalã entre as décadas de 60 e 70 do século passado. Barcelona, Palau Robert. →

ATÉ
06
ABR

A Instalação do Moderno

Percurso pelo acervo do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, procurando pistas para compreender o processo de instauração da arte moderna no Brasil, ao longo do século XX. São Paulo, Museu de Arte Contemporânea. →

fevereiro

ATÉ
16
ABR

Um Grande Comício Sem Palavras

Setenta anos depois da II Exposição Geral de Artes Plásticas, a Casa da Achada apresenta alguns dos quadros ali apreendidos pela PIDE, por serem considerados anti-nacionais e subversivos. Lisboa, Casa da Achada – Centro Mário Dionísio. →



ATÉ
16
MAI

Picasso y el Museo

Uma exposição que aborda a obra de Pablo Picasso a partir da influência que as visitas a museus – actividade a que o artista se dedicou desde os 13 anos – sobre ela exerceram. Madrid, Circulo de Bellas Artes. →

fevereiro

25
FEV

Converxencias

Concerto que reúne a Banda Municipal de Música de Santiago de Compostela, o grupo português Canto D'aqui e a cantora galega Uxía Senlle. Santiago de Compostela, Teatro Principal. →

07
A
11
MAR

Óscar

Espectáculo de João Paulo Seara Cardoso, pensado para crianças a partir dos três anos, encenado pela primeira vez em 1999, regressa ao palco a propósito das comemorações do trigésimo aniversário do Teatro de Marionetas do Porto. Porto, Teatro Carlos Alberto. →



10
A
25
MAR

Rota das Letras

Sexta edição do festival literário de Macau, reunindo escritores de muitas latitudes, nomeadamente dos países de língua portuguesa e da China. Macau, Edifício do Antigo Tribunal. →

Ai como é diferente o carnaval em Portugal. Lá nas terras de além e de Cabral, onde canta o sabiá e brilha o Cruzeiro do Sul, sob aquele céu glorioso, e calor, e se o céu turvou, ao menos o calor não falta, desfilam os blocos dançando avenida abaixo, com vidrilhos que parecem diamantes, lantejoilas que fulgem como pedras preciosas, panos que talvez não sejam sedas e cetins mas cobrem e descobrem os corpos como se o fossem, nas cabeças ondeiam plumas e penas, araras, aves-do-paraíso, galos silvestres, e o samba, o samba terramoto da alma, até Ricardo Reis, sóbrio homem, muitas vezes sentiu moverem-se dentro de si os refreados tumultos dionisiacos, só por medo do seu corpo se não lançava no turbilhão, saber como estas coisas começam, ainda podemos, mas não como irão acabar.

O Ano da Morte de Ricardo Reis

José Saramago